



Móvilhadeira motorizada tratando um cafézal

minações foram imputadas a personalidade de posição evidente, procurando fazer com que a responsabilidade recaísse sobre ela. Uma celexna enorme se produziu e sua repercussão pôde marcar, com traços incertos, o esboço histórico da importação da broca. Trinta anos após o primeiro grande alarme da existência de "caféis carunchados" nas lavouras, trazemos à superfície alguns fatos relativos à questão, fazendo considerações sobre eles, analisando documentários, a fim de ver, depois, de tanto anos, a debatida e desconhecida causa da introdução dessa praga para a principal cultura de nosso país, não com o intuito de fazer acusações ou de procurar estabelecer defesa de quem que houvesse sido implicado nessa introdução, mas apenas para divulgar o que conseguimos apurar sobre o assunto. Fazemos nossas as palavras de Fiza Junior: num país sem vigilância sanitária vegetal, impossível se torna estabelecer a data da introdução de uma praga qualquer, podendo-se, quando muito, determinar uma época de introdução, sem, contudo, poder-se afirmar se antes dessa época outras introduções não foram feitas.

O Brasil sempre importou, sem caráter oficial, tudo quanto quis, antes de 1922. Sementes para plantio, de muitas culturas, eram importadas diretamente pelos interessados. Alguns técnicos estrangeiros que aqui desenvolviam suas atividades, solicitaram por várias vezes a atenção do governo para a possibil-

idade de importação de pragas. Em todos os países foi tida como certa a introdução da broca em sementes destinadas ao plantio. Realmente, em Java e em Sumatra os cafézais próximos às sementeiras de cafés importados foram os primeiros a revelar a presença da praga. Em Sumatra, só nas Empresas que importaram sementes de Bangelan apareceram a broca em 1913. Não há dúvida que também no Brasil, tal aconteceu. As sementes importadas e lançadas imediatamente nas sementeiras, trouxeram a broca, pois os pacotes aqui entravam sem qualquer exame ou expurgo. Em Sumatra, onde as importações eram feitas com o máximo cuidado e as partidas eram submetidas à desinfecção, logrou a broca atingir os cafézais. Temos que admitir que em São Paulo, onde não se acreditava na eficiência de uma cuidadosa atenção com os produtos importados, principalmente para mudas e sementes destinadas à agricultura, foi a praga introduzida com as sementes. Em que ano, não se pode ficar sabendo muito bem. Acreditamos, porém, que não foi antes de 1913.

Em Java, cujo clima favorece a evolução dos estádios da broca e cujos cafézais fornecem frutos bem granados durante quase todo o ano, a praga se estendeu por quase toda a ilha, em meados de 9 anos, não obstante a luta empreendida desde 1909 para o seu combate. Pelo ocidente todo de Java espalhou-se a broca em 6 anos.

Em São Paulo, não obstante a dife-

rença de condições, conseguiu a broca, mesmo no presente, manter-se durante o ano todo nas lavouras, não cessando a reprodução nos anos chuvosos. E' evidente que em 10 anos teria ela atingido um volume de população capaz de atrair a atenção do mais obscuro dos colonos de uma fazenda.

Em Sumatra foi ela introduzida em 1913. E todas as sementes importadas em Sumatra eram de Bangelan. O Jardim Experimental do Governo, em Bangelan, foi também contaminado em 1918. Em 1922 toda a zona sudoeste de Sumatra estava tomada pela broca. Em menos de 4 anos verificou-se um aumento de população que elevou a infestação de algumas empresas a mais de 80%.

Em São Paulo, a broca agiu livremente, sem qualquer óbice ao combate, até 1924. Teria necessidade de mais de 10 anos para se fazer notar em caráter de calamidade pública? Não o acreditamos, pois, mesmo depois de 1924, a despeito de todos os processos de combate postos em prática, em menos de 10 anos ela penetrou e se avolumou em cerca de 3/4 partes da área cafeeira do Estado. Embora tenhamos de admitir que todas as remessas de sementes são suspeitas, realço o fato de que só em 1913 houve uma verificação autêntica de sementes contendo insetos adultos, verificação feita depois do despoltamento do café.

Também na África aconteceu coisa parecida com o que houve em Java. Não obstante as lavouras de 1901, examinado os exemplares de *Stephanoderes*, não constituiu este grave ameaça à lavoura, pois era muito raro encontrar-se um exemplar d'ele. Em 1913 a broca de Fleitiaux já tomava outro aspecto; as lavouras mostravam-se muito contaminadas e os prejuízos cresciam dia a dia. De 1901 a 1913 conseguiu, a despeito dos ataques pelos inimigos naturais, formar uma população que, de São Petersburgo, atraiu a atenção de funcionários da colônia, que a coletaram. Parece fora de dúvida que, em 12 anos, tal população se constituiria.

Por que só no Brasil (S. Paulo) teriam sido necessários 20 a 23 anos para que a população da broca se avolumasse? Não obstante não haver em nosso meio floradas repetidas e distribuídas pelo ano todo, temos de aceitar a realidade que pode bem ter substituído a ininterrupta existência de frutos maduros, que a natureza roubou à broca as condições foram sempre muito mal feitas, ficando ao abrigo dos raios solares, sob a sombra dos cafeeiros, enorme quantidade de frutos. A umidade que faltou ao ar, impedindo que os frutos fossem se avolumassem com condições para a evolução da broca, existiu sempre para os frutos caídos e que permaneceram em contacto com o chão fresco. Esses frutos até hoje existem em enorme quan-

tidade na maioria das lavouras paulistas, o que prova que, numa época em que se não suspeitava da presença da broca, nem era aconselhado retirar os frutos do solo, enormemente havia ser a quantidade deixada na lavoura em tal ambiente.

Dez ou doze anos devem ter sido suficientes para que a população também crescesse em São Paulo. Dez ou doze anos de livre ação sobre os cafeeiros que não fossem os de uma colheita mal feita, foram suficientes para que a broca produzisse a celulosa e o clamor que produziu. Assim pensando podemos admitir como data mais ou menos certa de introdução, a que coincidiu com a autêntica verificação de sementes perfuradas e com insetos em seu interior (naturalmente a broca do café): 1913, quando a Diretoria da Agricultura enviou para o Instituto Agrônomico partidas de sementes do Congo Beige, para plantio. Qualquer fato histórico fica muito mais bem firmado quando encontra assento numa sólida base com documentos que sejam verdadeiros e autênticos. Em nossa casca de recolha de 1913, segundo registramos nos documentos públicos, transformase, pela ação desses mesmos documentos, num fato histórico da mais real e irrepitável importância, quanto à época, ou, mesmo, quanto à data de introdução da broca do café, *Hypothenemus hampei*, no Estado de São Paulo.

IMPORTANCIA ECONOMICA DA BROCA, COMO PRAGA DO CAFÉ

Os vultosos prejuízos que a broca começou a causar depois de 1924, fizeram com que para ela se voltassem todas as atenções. Densas nuvens se formaram nos céus. E tristeza indizível invadiu o coração do agricultor.

Não importa saber quando, como, porquê, e por quem foi a broca trazida. O que importa, e muito, é sabermos quando, como, por quê e por quem deve ela ser combatida, uma vez que sua disseminação ameaçou com gravidade toda a vigia, mostra de nossa estrutura econômica.

Qual o valor econômico da broca do café? Qual o prejuízo de São Paulo devido unicamente à broca? Não osusamos ainda tocar em algarismos. Não osusamos dizer com certeza quanto esse prejuízo vem, anualmente, muito além de cem milhões de cruzeiros. Mais tarde, quando todas as observações e cálculos se concretizarem, ficariam assustados os cafeicultores diante do vulto desse prejuízo. E veremos quanto dinheiro se vai a perder, sendo, sendo o mesmo o dispêndio, dando e mesmo o esforço e o mesmo o número de cafeeiros em produção, dentro dos limites de nosso Esta-